

23-09-2021

Fique Viva!

Damiana Pereira de Sousa

[Professora e pesquisadora de literatura indígena]

Dias atrás escutei a música *Fique Viva* da cantora Brisa Flow. Flow, além de cantora é pesquisadora e defensora da música indígena. A artista foi criada em Minas Gerais e teve influência, desde criança, da música e da cultura dos povos andinos; fez licenciatura em música e se especializou em arte-educação. Flow acredita que arte-educação contribui no combate ao epistemicídio, termo utilizado para se referir à desvalorização, invisibilização ou negação da cultura e saberes ancestrais. Fique Viva! Se para as mulheres, de modo geral, permanecerem vivas em um mundo feito por e para homens é uma luta diária e cansativa, para nós, mulheres negras e indígenas, é muito, muito mais desgastante. A música me fez colocar a caneta em movimento. Vamos à música!

Baby, é só mais uma armadilha

Cuidado na trilha!

Baby, fique viva!

Fique viva!

Tive que aprender a me amar, ficar de pé

Pra depois aprender a voar, manter a fé

Fico viva mais um dia.

Jogo as drogas na pia

Leio antropologia

Lavo meu corpo com sais

Essa terra tem sangue dos ancestrais

Estado de alerta

A rotina das mulheres/meninas indígenas é de luta, resistência e constante estado de alerta, sejam elas desaldeadas ou não, pois carregam o peso de um passado de escravidão, diáspora e racismo. Mulheres submetidas, muitas vezes, ao silêncio por estarem expostas a uma sociedade imperialista, patriarcal, sexista e racista que tem, como código, o assassinato constante. Mulheres duplamente marcadas por opressões raciais e de gênero. Portanto, mulheres vulneráveis às mais diversas situações. São tantas opressões, violências, assédios que é necessário gritar, cantar, berrar, resistir, VIVER! Fique Viva! Nas cidades a luta começa na afirmação da própria identidade, pois é extremamente necessário reforçá-la o tempo todo, já que o país vive atrelado à ideia de que “índio (a) que é índio (a) vive na floresta”. Não há conhecimento e compreensão sobre o sentimento de pertencimento étnico, isto é, não importa em que espacialidade o/a indígena esteja, sempre irá carregar no peito a chama da ancestralidade. Afinal, não é porque um japonês veio para o Brasil que ele deixou de ser japonês, não é mesmo? O mesmo ocorre com os povos indígenas: não é porque não estão nas aldeias que deixaram de ser INDÍGENAS. “Coração na aldeia, pés no mundo” (Tabajara, 2018). A chama da ancestralidade pulsa! Isto é um processo, pois devido a tantas opressões, discriminações, estereótipos, repetidos à exaustão, muitos (as) indígenas de tão oprimidos (as) acabam negando suas identidades.

Segundo o IBGE (dados de 2010), dos 817 mil indígenas brasileiros, 300 mil vivem nas cidades.

Ou seja, é uma luta constante contra a opressão diária e negação das pluralidades indígenas.

A violência é compreendida, segundo o relatório do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), como um dos principais obstáculos para a garantia dos direitos humanos e das liberdades fundamentais de mulheres e meninas. Quando se trata da violência contra mulheres/meninas indígenas, o combate é bem mais problemático.

Segundo o Relatório das Nações Unidas, publicado em 2010, as mulheres indígenas tem mais chances de serem estupradas e assassinadas do que outras mulheres.

O relatório apresenta um dado alarmante: 1 em cada 3 mulheres indígenas são estupradas ao longo da vida.

Para esta população a violência aparece em, praticamente, todos os contextos. Nas aldeias, segundo o Relatório Técnico – Violência e Mulheres Indígenas (2017), realizado pelo Programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV), no Alto Solimões, as mulheres e meninas indígenas sofrem com violência física e sexual, casamentos precoces, trabalhos sexuais, brutalidade em momentos de parto, acesso limitado à justiça, taxas elevadas de gravidez na adolescência, falta de acesso a serviços de saúde e falta de conhecimentos sobre seus direitos humanos. O relatório aponta ainda que a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNASIM), apresenta precariedade no atendimento à saúde das mulheres/meninas indígenas. Além disso, existem poucos dados epidemiológicos e diminutas avaliações sobre a saúde dessa população disponíveis para fundamentar ações. Ou seja, há dificuldade de acesso e escassez de dados. Mulheres indígenas fora das estatísticas?

Vale ressaltar que todo esse contexto afeta profundamente a saúde mental dessa população. Danos irreversíveis e visíveis no crescimento dos casos de suicídio. É urgente políticas públicas específicas. Porém, Brisa nos alerta e nos lembra que mesmo com tantos motivos para desanimar, não o faremos! Temos ela, a arte. Segundo a artista visual indígena Sallisa Rosa *A palavra ‘Arte’ não tem tradução em quase nenhuma língua indígena porque, assim como no contexto ancestral africano, os povos tradicionais não separam a arte da vida. Assim, a arte abrange um universo de práticas que não são necessariamente um objeto ou um artefato, mas que compõem em ritualizar a vida. Arte é vida!*

Temos ela, a poesia, ela, a literatura e ela, a música, que nos reestabelece a cada situação opressiva, a cada abuso, a cada tentativa de inferiorização. Elas poesia/literatura/música renovam as forças e motivam a permanecer na luta, JUNTAS! Pois bem, fiquemos VIVAS!

Não vamos perder o brilho nos olhos e a vontade de trilhar caminhos de mudanças, mudanças significativas e coletivas. Guerreiras Vivas! Guerreiras artistas!

Baby, fique viva!

Fique viva! ...

■■■

Ouçã e veja *Fique Viva* em <https://youtu.be/wRUzUsTdW0o>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.